

e pecado, e não exigiu do seu Apóstolo a superação da prática popular de votos e promessas... Porque, pois, em nossa prática pastoral, sem deixar de esclarecer e evangelizar, haveríamos nós de, correndo o risco de iconoclasmo (23), ser mais ortodoxos e intransigentes que o próprio Cristo?

NOTAS

- (1) Cf RIBEIRO, H., "Religiosidade popular na Teologia latino-americana", Ed. Paulinas, SP, 1985, especialmente pp. 47-81: estudo estrutural do tema no Documento de Puebla.
- (2) Cf DATTNER, F., "Sinopse dos Quatro Evangelhos", Ed. Paulinas, SP, 1986, pp. 41-42.
- (3) Cf BONNARD, P., "L'Évangile selon St Matthieu", Delachaux et Niestlé, Neuchatel, 1970, pp. 135-136.
- (4) Recordo aqui a devoção com que peregrinos muçulmanos, numa das mesquitas do Cairo, tocavam o túmulo de um de seus "santos", cena que vi quando lá estive, em julho de 1973.
- (5) Censuras que ainda continuam, inclusive com certa virulência, como em CHAMPLIN, R.N., "O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo", distrib. MILENIUM, SP, 1979: obra enciclopédica interessante, em seis alentados volumes, de valor desigual, às vezes sectária. Ver, p.ex., o final do comentário sobre At 19,12, no vol. III, p.414: "... o abuso, tão generalizado na Igreja Católica Romana, acerca dos objetos sagrados, como os ossos de santos e... o que só tem servido para aviltar a fé cristã, reduzindo-a ao nível das bruxarias" (sic!).
- (6) Cf A LÁPIDE, Comélio, "Commentaria in Quatuor Evangelia", Editio novissima, anterioribus auctior, Venetis 1740 (ed. original em Anvers, 1643); tradução minha, não literal mas resumida, ad sensum.
- (7) Poderíamos recordar aqui manifestações semelhantes de religiosidade popular, novamente por parte de doentes que esperam ser curados, no livro dos Atos dos Apóstolos: primeiro, em At 5,15, o caso dos que traziam doentes para as ruas, colocando-os em leitos ou macas, para que, ao passar Pedro, ao macas sua sombra encobrisse alguns deles...; segundo, em At 19,11s, o caso dos prodígios realizados pela simples aplicação, sobre os enfermos, de "lenços e aventais que haviam tocado o corpo de Paulo"... Nos dois casos, sem qualquer restrição ao que poderíamos chamar de exagero da crendice popular, Lucas refere que as curas aconteciam!
- (8) Sigla da Tradução Ecumênica da Bíblia, versão brasileira da TOB, "Traduction Oecuménique de la Bible", lançada entre nós por Ed. Loyola, SP, o NT já tendo aparecido em 1987.
- (9) BROWN, R. E., in "The Gospel according to John", I-XII, Doubleday, N. York, 1966, p. 205 e 207, adota a solução intermediária: omite todo o v.4 - omitido também pela TEB - o qual, com sete vocábulos não joaninos, só pode mesmo ser adição posterior, e conserva no texto, mas entre colchetes, o final do v.3, que se encontra na tradição ocidental.
- (10) MATEOS, J. e BARRETO, J., "O Evangelho de São João", análise lingüística e comentário exegético, trad. Ed. Paulinas, SP, 1989, pp. 242-250.
- (11) Neste caso, é de perguntar-se de onde veio essa "convicção popular"...
- (12) Notar que, na própria Bíblia, o livro todo de Jó, como também o do Coélet e alguns Salmos, como o Sl 73 e o Sl 37, diante da prosperidade dos maus e do sofrimento dos justos, contestam a teologia deuteronomista da retribuição: "pecou - é castigado; foi fiel - é bem sucedido". É que o enigma do sofrimento não se resolve com tanta clareza assim!

- (13) Nunca me esquecerei do lema dos "Damien Ministries", de Washington, EE.UU., um grupo dedicado ao trabalho com aids: "Se alguém pensa que a AIDS é um castigo de Deus, esse não conhece o nosso Deus"... Infelizmente, apesar de Jo 9,3 e Lc 13,1ss, no púlpito de não poucas igrejas se falou no "castigo divino" da síndrome de imunodeficiência adquirida.
- (14) Neste caso, do paralítico, temos um texto difícil, em Jo 5,14, que aparentemente contradiz à tese de Jo 9,3 e Lc 13,1ss. É que Jesus, reencontrando o ex-paralítico curado, o adverte: "Estás bem de saúde: não peques mais, para que não te suceda algo ainda pior!" Depende, é claro, do que se entenda por "algo ainda pior": se é "algo pior" do que a doença, a advertência de Jesus situa-se em outro nível, e o "algo pior" é a condenação, a Morte, o contrário da Vida; se é "uma doença" ainda pior, então realmente haveria contradição com Jo 9,3, o que não parece provável. Mas veja as Notas a esse texto, tanto na BJ como na TEB. De resto, como observa BROWN, I, 208 (cf Nota 9 acima), rejeitar a concepção simplista da doença como "castigo" não implica, por parte de Jesus, rejeitar a conexão real existente entre sofrimento e pecado, conexão expressa, depois, p.ex. por Paulo na carta aos Romanos: "o salário do pecado é a morte" (Rm 6,3). Mas teríamos ainda outra linha de interpretação, original e sugestiva, deste versículo (Jo 5,14), no grande comentário joanino de MATEOS/BARRETO, já citado acima (cf Nota 10), pp. 255-256: a ele remeto o leitor.
- (15) O nazireato - naturalmente, não o espírito, de Nm 6,1-21, mas um seu sucedâneo - caracterizava-se pela promessa de não cortar os cabelos durante algum tempo, no mínimo trinta dias (cf o Tratado Nazir 1,3, da Mishná, em "MISHNÁ, essência do judaísmo talmúdico", Edit. Documentário, RJ, 1973, p. 124), durante os quais também se observava a abstenção total de vinho ou de outra bebida fermentada. Flávio Josefo, no seu livro "Guerra dos judeus" II, 15,1, escreve: "Os que sofrem de alguma enfermidade ou de algum outro infortúnio, costumam fazer a promessa de, por trinta dias antes de oferecerem algum sacrifício, abster-se de vinho e de cortar os cabelos" (cit. em CHAMPLIN, R.N. "O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo", vol. III, p. 398: ver Nota 5 acima).
- (16) Cf Lc 1,48 e o meu artigo sobre a "Humildade ou humilhação de Maria?" na RCB (= Rev. de Cultura Bíblica) 1986, nn. 39/40, pp. 38-54.
- (17) Ver as Notas respectivas, tanto na BJ como na TEB. Consultar também um Dicionário Bíblico, quer o DEB, da Vozes, quer o MCKENZIE, de Ed. Paulinas, no verbo "Voto". Estranhamente, o dicionário BAUER, da Loyola, não trata do tema.
- (18) Notar que, em grego, euché significa tanto oração como voto/promessa. E é o termo empregado em At 18,18b.
- (19) Na imensa bibliografia suscitada por esta passagem, aparentemente machista, não faltam os que, desde Loisy, em 1935, defendem seu caráter deuteropaulino, enquanto, p.ex. MURPHY O'CONNOR (cf CBQ 1986, n.1, pp. 87-90) o mantém.
- (20) Cf MURPHY O'CONNOR, "Baptized for the dead", 1Cor 15,29, in RB 1981, n.4, pp. 532-543.
- (21) PAULO VI, "Evangelii Nuntiandi", exortação apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo, Roma, 1975, n.48.
- (22) Idem, ibid.
- (23) É a doutrina dos iconoclastas, os "destruidores de imagens" do séc. VIII, condenados no 2º concílio de Nicéia, em 787.

Endereço do autor:

Cx. Postal 5041 - ITESC
88041 - FLORIANÓPOLIS - SC

RELIGIOSIDADE POPULAR NO CONTESTADO (ou a espiritualidade de um povo oprimido)

Pe. Hércion Ribeiro
Professor de Miniologia - SP

Religiosidade popular no Contestado?

- Que religiosidade? De quem?

Perguntas se impõem sobretudo porque elas definem de que lado se falar e com que objetivos. Começemos por nos per-

guntar se havia uma religiosidade outra, que não a popular, com direitos de ali se impor. Seria ela protestante, que ainda nem era conhecida? Ou a oficial dos clérigos católicos? Mas, afinal, os 150 anos de catolicismo vivido, ensinado e praticado nas famílias, não teria mais valor? Ou seria melhor não mais a religião ensinada pelas mães e pelo clero regalista, e sim a oficial que, na

sua pretensão (e depois bem sucedida) hegemonia, desbancava a dimensão laica e a centrava nos clérigos com seus sacramentos? Esta nova religiosidade fizera pacto – contra os caboclos – com o Exército, com os “coronéis”, com o poder político de SC e do Paraná. Ela também tinha lá seus interesses e oposições: que o digam a maçonaria e os pobres! Se a religiosidade oficial quis salvar as almas livrando-as dos pecados (amancebamento, infrequência aos sacramentos, não acatamento às leis da religião), ela esqueceu os homens e mulheres (os donos destas almas) na miséria extrema, no debilitamento de seus direitos mais comezinhos... Ah, se Jesus tivesse passado por ali, ao invés de na Palestina!...

ERA A SEMANA SANTA DE 1915

A religiosidade popular (RP) no Contestado! – Quem era o povo do Contestado? Os caboclos ou esses moços de 19/20 anos, vestidos de soldados, obrigados a carregar fuzis e metralhadoras? Análise, pois, primeiro, a religiosidade destes meninos moços fardados. E o faço com palavras dos próprios militares: “A tropa, na sua totalidade, era católica, não desejava travar ação no dia 2 por ser sexta-feira da Paixão. A guerra, porém, reserva-nos as maiores surpresas. Mas se o dever nos compeliu a calcar no íntimo nosso justificado escrúpulo de dar combate num dia de tão grande respeito e concentração de espírito para os católicos, em compensação, naquilo que estava ao nosso alcance deliberar, não esquecemos dos preceitos da santa religião: na linha de fogo ou internados na mata tenebrosa, almoçamos e jantamos bacalhau com farinha... E isso foi um grande desafogo para a nossa consciência preocupada pela profanação ao tradicional acatamento ao dia em que a igreja exige todo o repeito de seus fiéis” (1).

As lutas deste dia começaram cedo para a Coluna do Norte, comandada pelo capitão Potyguara. Foram ouvidos tiros (ou foguetório?) que os soldados – segundo um tenente do Exército, o escritor onde lemos esta nota – não sabiam de onde vinham. A coluna do Norte estreitou o cerco ao reduto de Santa Maria, e logo pela manhã matou 85 caboclos – depois mais 48 – incendiou 902 casebres e uma igreja, no dia anterior foram matados 167 caboclos; e no sábado santo, mais 91, incendiados 46 casebres e uma igreja. Na mesma sexta-feira santa, a Coluna do Sul, comandada pelo coronel Estillac, matou, em mais de cinco horas de combate, acima de 30 pessoas. Neste tríduo santo de 1915, caíram todos os redutos de Caçador a Santa Maria, e afirmou Estillac que foram mortos mais de 600 homens e mulheres.

Um outro escritor e médico recorda assim: “Nunca um aleluia rompeu com mais estrondo... as perdas do Destacamento Norte tinham sido sérias, 61 mortos... em compensação, as dos jagunços foram dez vezes maiores: 600 mortos, 5.931 casas queimadas e 11 igrejas destruídas... Todos os redutos estavam reduzidos a um montão de cinzas” (2).

– Os soldados e oficiais, depois que descobriram a lealdade e o serviço dos franciscanos à sua causa, freqüentavam embevecidos suas missas e terços; Frei Redempto Kuhlmann – superior dos franciscanos, em Curitiba – no 2º domingo depois da chegada deles (entre 3 e 9 de dezembro de 1914) “rezou missa de ação de graças pelo feliz êxito da operação”. O militar escritor continua: o frade “revestiu-se com os paramentos mais ricos... dirigiu erudita prédica sobre o tema da mais bela virtude patriótica: o dever militar... ele parecia inspirado na ‘mens divinior’... os soldados comoviam-se com as palavras do bom frade... depois, sempre que era celebrada missa, os oficiais iam em grande número à igreja acendrar o Espírito, pensando em Deus... E o pastor d’almas, o Frei Redempto... passou a ser um dos nossos leais e dedicados amigos” (3).

Os meus soldados noutra ocasião, foram exortados pelo Coronel Estillac: “A nossa consciência não deve sentir fortes abalos de compaixão pelas mulheres e crianças que acompanham os bandidos do reduto Santa Maria, desde que tenhamos em mente o doloroso espetáculo da viuvez e orfandade que reina entre tantas famílias de nossos camaradas brutalmente imolados nas mãos de desalmados abutres” (4).

– Mas, quem eram esses “desalmados abutres” que naquele tríduo pascal tiveram mais de 600 companheiros mortos e outros tantos aprisionados, no Reduto Santa Maria, pelo 9º Regimento de Cavalaria, segundo a descrição militar? – “todos estes prisioneiros apresentavam um aspecto miserável: maltrapilhos alguns, quase nus; atacados de sarna em sua grande maioria; outros com a epiderme escalavrada e ainda alguns trazendo tatuagens, entre estas a do signo-saumão; eram tipos repugnantes; o seu entendimento era o mais rude possível; mas em compensação haffes; como bons índigenas tinham o instinto apurado. É que o instinto não depende do raciocínio e ele provinha à sua própria inconsciência” (5).

– E o que fazia esta gente desqualificada naquela sexta-feira maior de 1915? – Aquele dia, tudo começou com uma festiva procissão de ação de graças de “São José Maria”, porque o canhoamento da madrugada só assustara os caboclos e nada destruiu no reduto Santa Maria. Eles haviam passado até tarde da noite em oração. Às 11:30 saíra a grande procissão, com hinos, vivas e o foguetório ou tiros para o ar, como era costume. Os militares, ao longe, os observavam através dos binóculos: “homens e mulheres rápidos dirigem-se para a igreja e daí carregando cruzes, levando bandeiras com a imagem de São Sebastião e rezando ladainhas, partem em procissão, para percorrer as ruas do reduto em ação de graças ao “Monge” protetor. Quando essa massa humana, cheia de fé e reconhecimento, convicta e compenetrada, ia, a passo lento, declamando em voz alta suas orações, a primeira passada de obuz trazido para a posição do canhão defeituoso, caiu sobre ela e explodiu terrivelmente... voaram braços, pernas e cabeças... Ouvem-se gritos, gemidos, imprecções e insultos... A multidão dispersa correndo, deixando um monte de cadáveres e feridos... uma parte do povo, constituída por velhos e mulheres corre para dentro da igreja e tranca a porta” (6). Pouco depois a igreja, ainda trancada e repleta de gente, arte em chamas...

... era sexta-feira da paixão. Naquele dia os soldados só comeram bacalhau, com o escrúpulo de ferirem o mandamento do... jejum...

A ESPIRITUALIDADE DOS OUTROS...

A historiografia quase não fala da religiosidade dos soldados, salvo que os Freis Rogério e Redempto lhes diziam missas, pela manhã, e terços pela tarde. Aos cultos, “alegres” acorriam os militares. E os freis os emocionavam ao pregarem, sobretudo se o tema era o dever do soldado em servir a Deus e a Pátria, como naquele dia 15 de novembro de 1914, após Frei Rogério ter fracassado em sua missão pacificadora – a pedido de D. João Braga e do General Setembrino – falou aos soldados do Coronel Onofre Ribeiro, em Canoinhas: “Servi a Deus, sob cuja bandeira da Santa Cruz nos alistamos como soldados do Exército de Jesus Cristo, que é o nosso 1º comandante, no batismo, e ao qual juramos fé e obediência no dia da primeira co-

A história, porém, guardou inúmeras observações sobre a religiosidade dos caboclos

munhão; servir à Pátria, prestando obediência aos superiores, observando rigorosamente a disciplina" (7). Nestas missas, 5 ou 6 soldados recebiam a comunhão, todos ouviam piedosamente os frades, mas quase não os entendiam...

A história, porém, guardou inúmeras observações sobre a religiosidade dos caboclos. Todavia ela só pode ser entendida no seu contexto.

O movimento do Contestado, como tal, tem muitas imbricações, desde a questão limítrofe entre SC e PR, a construção da Estrada de Ferro SP-RS, o mandonismo local e a monarquia, o messianismo e seus monges, a violência generalizada e a Campanha Militar (8). Tecnicamente falando se lhe atribui a datação entre 1912-1916 por coincidir com a repressão militar promovida pelo Exército Nacional. É neste entremeadado de fatos que aparece o caboclo - homem do sertão, humilde e reprimido, mas cheio de fé católica.

A realidade religiosa que transluz no Contestado, a partir do mundo caboclo, é um processo que antecede e é posterior ao movimento como um todo. É fruto de uma educação na fé, feita a partir da família - geralmente pela mãe - onde se vivia um cristianismo não tridentino, nem centrado no sacramental e nem controlado pelo clero (9).

Apenas duas décadas antes do Contestado, o cristianismo de marca tridentina, renovado pelo Concílio Vaticano I e o Concílio Plenário Latino-Americano, começava a se implantar no planalto catarinense com a chegada de frades e padres franciscanos alemães (1892), que viveram em constantes tensões com autoridades civis, maçons e coronéis locais. A implantação do novo catolicismo encontrou também grandes barreiras entre o povo, porque exigia a morte do seu catolicismo. Para além do empenho dos franciscanos, é mister reconhecer que a maioria dos caboclos - por causa de distâncias geográficas, tensões sócio-políticas, ação pastoral - não os reconhecia e mesmo os 20 anos de nova evangelização não foram suficientes para convertê-los ao catolicismo dos frades.

O catolicismo dos caboclos - um modo outro de ser Igreja - não pode ser compreendido por atos descontextuados, isto é: apenas por demonstrações exteriores da piedade litúrgica. Sua religiosidade deve ser observada como uma espiritualidade. Aliás, não fazem uma leitura correta da RP aqueles que se detêm em percebê-la como atos, sobretudo atos de piedade cúl-tica (10). O universo caboclo era costurado pelo religioso. A religião era o arcabouço que dava sentido à vida daqueles que eram os abandonados pelos governos federal e estadual e explorados pelos "coronéis" locais. Eram eles os sem-escola, sem-terra, sem-saúde, homens e mulheres sem direitos. Viveram influenciados pelo seu meio físico e a ele foram adaptando sua cultura de fundo português/católico que passara pelos bandeirantes paulistas até Correia Pinto, nos campos de Lages.

DO CATOLICISMO PACATO AO GUERREIRO

A "explosão" popular do Contestado é o movimento dos explorados que resolveram sair de sua miséria - ou melhor dito: que não suportaram mais as constantes e crescentes pressões que os vitimavam. E o misticismo foi o instrumento que lhes serviu para sonharem com a luta pela libertação. O catolicismo deles, antes pacato e comunitário, tornou-se socialmente guerreiro. Frei Rogério ouviu do velho Praxedes Gomes Damasceno que "nós queríamos tratar o nosso corpo doente com José Maria e praticar nossa religião católica romana, como os padres nos ensinaram e fazer comunitariamente nossas orações. Há nisso alguma coisa errada?" (dezembro de 1913) (11). Um bilhete, encontrado no bolso de um caboclo matado na Estação de S. João, após o incêndio que a destruiu em 1914 diz: "Nóis estava em Taquaruçu tratando da nossa devoção, não matava, não robava. O Hermes mandou sua força covardemente nos

ITESC

ENTIDADE MANTENEDORA: FUNDAÇÃO
DOM JAIME DE BARROS CÂMARA

DIRETORIA

Prof. Daniel E. Ramada Piendibene
Diretor em licença
Pe. Dr. Vitor Galdino Feller
Diretor em exercício
Pe. Ney Brasil Pereira - Secretário Geral

PROFESSORES - 1989

Pe. Dr. Adilson J. Colombi SCJ (1º sem)
Pe. Dr. Alberto Gritti
Prof. Daniel E. Ramada Piendibene
Pe. Evaristo Debiasi
Pe. Henrique Ernesto Cervi
Pe. Jaci Rocha Gonçalves (2º sem)
Pe. Manoel João Francisco (1º sem.)
Dom Murilo S. Ramos Krieger SCJ (2º sem.)
Pe. Ney Brasil Pereira
Pe. Nivaldo Alves de Souza SCJ (1º sem.)
Pe. Orlando Brandes
Pe. Sérgio Giacomelli
Pe. Siro Manoel de Oliveira
Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Pe. Vito Schlickmann
Pe. Dr. Vitor Galdino Feller

ALUNOS - 1989

1º ano: 35
2º ano: 19
3º ano: 26
4º ano: 32

total: 112

TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS 1973-1989

Curso de graduação: 527

leigos: 20
religiosas: 28
irmãos religiosos: 24
semin. religiosos: 61
semin. paranaenses: 58
semin. outras dioceses: 32
subtotal: 223
semin. catarinenses:
Florianópolis: 75
Tubarão: 76
Joinville: 37
Lages: 35
Caçador: 27
Chapecó: 25
Rio do Sul: 19
Joaçaba: 10
subtotal: 304

Alunos ordenados presbíteros: 191
(até junho de 1989)

Cursos de Teologia para Leigos

Matriculados este ano:
no CFT (= Curso Fundamental de Teologia)
1º e 2º anos (cíclicos): 125
no CTB (= Curso de Teologia Bíblica)
1º e 2º anos (cíclicos): 39

bombardiá, onde mataram mulheres e crianças, portanto o causador é o bandido do Hermes e portanto nós queremos é a lei de Deus que é a Monarquia" (12).

O festivo, aliás, era característica predominante da reza do caboclo

Uma leitura religiosa sobre a natureza cósmica (sol, chuva, trovões, frio), tempo (inverno, verão), estrutura social (justaposição de classes) e o universo sagrado (religião, dor, pecado, santos e devoções) fazia parte do cotidiano do homem do planalto. Tal leitura pervadia seus atos todos, integrando coerentemente no seu mundo até mesmo leis da dupla moral, da violência e da aceitação de seu estado de miserabilidade. A vida pessoal, sustentada pelos ensinamentos religiosos maternos, ampliados na capela comunitária em atos religiosos, que incluem indivisamente "muita reza, e pouca missa, muito santo e pouco padre". Af não existia reza sem festa. O festivo, aliás, era característica predominante da reza do caboclo, ao contrário da do padre. Reza sem festa não era reza completa. Assim as novenas, os terços, as procissões, eram sempre celebradas em contextos festivos: o que significava constantes bailes, foguetórios, música e tiros para o ar. Durante a guerra do Contestado, eles se proibiram os bailes, mas não o festivo. Coube sempre mais aos frades esta proibição, por preferirem um catolicismo cerebral, intelectual e não tão sensível como o gosto caboclo.

As bravatas, os desafios e os exageros (embebedamento por exemplo) eram expressões religiosas, ao lado de penitências "exageradas" (p.ex. carregar grandes pedras na cabeça), assumidas em forma de tanto maior dureza quanto maior a vontade do desagravo.

A vida simples, pobre e empobrecida da gente — que acentuadamente a partir de 1850, com a Lei da Terra, foi perdendo seu chão e a possibilidade de justiça — era lida na esperança vivificada pela palavra do 1º monge: João Maria D'Agostini, retomada pelo 2º monge: João Maria de Jesus e — quem sabe — manipulada pelo terceiro: José Maria. Os monges se enquadram no que os historiadores chamam de "movimento dos monges, beatos e penitentes"; os do Contestado não são casos isolados, mas fazem parte de uma cultura religiosa que se desenvolveu pelo Brasil afora, particularmente no Nordeste e Minas Gerais. Os três monges, além de orações, patuás, escapulários, chás, conselhos, eram assíduos leitores e comentadores da Bíblia (algo tão proibido à época para os católicos). Enquanto os dois primeiros privilegiavam o Novo Testamento e os Profetas, o terceiro gostava do Apocalipse. Os três, nas longas pregações, se referiam constantemente à temática bíblica, à moral tradicional, à família e à concórdia, ao lado de profecias, em geral apocalípticas. Os Freis se queixavam das falas dos monges. Frei Menandro Kamps reclamou dos seguidores dos primeiros monges (que pensava ter sido um só): "pelas profecias, pela sua vida e mais pelas suas muitas novenas, parecia aos olhos dos simples um enviado de Deus, e o povo o venera como se fosse um santo... É superfluo penetrar nos grandes males que à Religião causou esse João Maria... Uma palavra de sua boca valia e vale ainda hoje mais que as verdades eternas do Evangelho, do que quaisquer instruções de sacerdotes e bispos, até o Santo Padre só acerta ensinar a verdade se esta confere com a pregação de João Maria" (13).

A FÉ VIVIDA NA PAZ E NA GUERRA

Como eram o cotidiano, o semanal e o anual litúrgicos do caboclo antes do Contestado? É difícil de responder, por

falta de registros mais confiáveis. Sabe-se, contudo, da educação e devoção religiosas familiares, do pouco contato com o clero, do devocional e santoral intensos e das grandes festas. Destas, as mais destacadas foram: Bom Jesus (6 de agosto), Santa Cruz (3 de maio), São Sebastião (20 de Janeiro), Imaculada Conceição (8 de dezembro), festa do Divino, de Reis, sexta-feira Maior e Natal.

Os registros históricos, não obstante serem escritos pelos vencedores, assinalam muitas atitudes e comportamentos dos caboclos no Contestado (aqui delimitado entre 1913-1915 apenas). Foi em nome da esperança da ressurreição de José Maria, que Eusébio Ferreira dos Santos, Chico Ventina e Manoel Alves d'Assunção Rocha, com seus familiares, voltaram a se reunir em Taquaruçu, a partir de dezembro de 1913. Desde então foram se envolvendo milhares de caboclos, ex-empregados da ferrovia, perseguidos da justiça e até fascinosas. Este movimento não é originalmente religioso (14), apesar de que também sob este aspecto é um fato relevante. Neste artigo não é o nosso objetivo analisá-lo sob este prisma, pois que já o fizemos alhures (15). Importa aqui destacar mais alguns aspectos da espiritualidade cabocla — ou como alguns preferem chamar: a religiosidade popular.

É preciso ter presente as distintas fases religiosas do movimento

É preciso ter presente as distintas fases religiosas do movimento, para avaliar seu significado: o primeiro tempo foi o dos monges (desde 1854 até a morte de José Maria, a 22 de outubro de 1912), a segunda fase foi a da "desescatologização do projeto messiânico" (das primeiras "aparições" de José Maria — novembro de 1913 — até a substituição de Maria Rosa, na liderança do movimento), o terceiro período foi o tempo da "religião-guerreira" (sobretudo no segundo semestre de 1914), e finalmente o tempo da derrocada final com a violência interna (1915 até o julho/agosto de 1916).

A quarta e última fase se caracterizou pela repressão no interno do movimento; aí passou a valer como moral e religião a vontade do chefe, o cético era puramente ocasião para castigos exemplares; a decomposição e auto-descrédito avançaram tanto quanto a fome, o desespero e a doença. A terceira fase — da "religião guerreira" foi um tempo de fanatismo religioso em que inicialmente a defesa e depois o ataque se estribaram na fé em João Maria e na crença de poder voltar da morte como membro do "Exército Encantado de São Sebastião"; a militarização foi-se sobrepondo a tudo e a todos; o religioso sustentava o espírito belicoso. É do segundo período que se deve falar com mais adequação, por ter sido o tempo de maior tranquilidade (o que não significa paz completa). É de deste tempo que vêm as lembranças mais positivas; foi quando o caboclo deu asas à imaginação e recriou comportamentos religiosos. Sua religiosidade fazia parte de um todo; caracterizam isto afirmações da gente deles, tais como a de Zeca Pedro: "Lá todo mundo era irmão. O que eu tinha, tinha de repartir", ou de Maria Alves Moreira: "tudo era bonito, muita gente, muita grande religião, só rezavam, não existia malvadeza". O senso de irmandade caracterizava a todos (15).

A moral predominante era a católica em forma bem rígida e tradicional. A sacramentária foi selecionada, em função da irmandade, predominando o duplo batismo (de casa e da igreja), o casamento e a encomendação. O cético, ainda, se apresentava nos atos penitenciais (inclusive com carregamento de pedras na cabeça), nas procissões, nas "formas", nos terços do Rosário, nas novenas. O espaço sagrado não era apenas a

igreja/capela, mas a própria vila santa ou reduto, por ser o lugar da habitação religiosamente legitimado pela chefia do movimento: aí se proclamavam, inclusive, "as verdades escondidas pelos padres". A religião era essencialmente festiva, cheia de cantos, foguetórios e "vivórios" (de vivas).

A religião católica foi traduzida pela simbólica cabocla; mas porque a Igreja Oficial considerou-a marginal, marginalizou-a pensando em optar pelo bem maior. Não obstante foi o universo religioso caboclo que impregnou com espírito de fé profunda aqueles corações puros e simples (quando não simplórios). No caminho da vida forjaram os caboclos uma fé que resistiu, em nome de Deus, às cruzeiras militares e policíescas dos três anos da Campanha do Contestado, mesmo vivendo o sofrimento e a morte de seus quase 200 mil caboclos perseguidos por mais de 10 mil policiais e soldados, fortemente armados, com metralhadoras, fuzis, canhões e até tentativa de utilização de aviões bombardeiros.

Uma análise realista, contudo, não pode negar a presença dos limites desta religiosidade através de roubos e assaltos às fazendas dos "inimigos da Santa Religião", da violência e assassínios, de rituais cabalísticos e mágicos, dos privilégios parentais, e do sadismo – até requintado – para com os inimigos aprisionados e mortos, especialmente se militares. Essas deficiências e pecados, todavia marcam a condição humana também dos caboclos acuados em guerra pela prepotência, subnutrição, peste e miséria generalizada. A decadência do religioso no Contestado cresceu à medida que caboclos e militares se diabolizaram mutuamente.

A MILITÂNCIA E O RITUAL DO CONTESTADO HOJE

Cabe-me destacar ainda dois elementos básicos desta religiosidade: a militância e o ritual. Hoje, não poucos filhos e netos dos participantes do Contestado estão pendurados nos morros de Florianópolis ou cinturões da miséria de algumas de nossas cidades. Muitas vezes mais movidos pelo "imaginário" popular, eles repetem rezas, bênçãos ou ritos ditos do Contestado. Assim por exemplo é comum ouvir-se "terços cantados do rosário" com uma série de palavras incompreensíveis – porque deturpadas – acompanhadas de uma ritualística das "formas" ou "quadros santos", ou então exconjurios, exorcismos e benzeduras extemporâneas. – Que dizer disto? Vale a pena incentivar uma "purificação", uma "elevação" destas formas de piedade?

A RP ou o catolicismo popular privado não se sustenta sem um contexto existencial

Decididamente: não; não é a única resposta, por ao menos dois motivos. Primeiramente, estes descendentes não aceitam que se mexa no patrimônio cultural, que só a eles pertence. Segundamente, tais elementos só se explicam num contexto que não existe e não mais existiria; eles são fruto de um "catolicismo rural e guerreiro" superado. Finalmente, os próprios herdeiros estão fora de seu habitat natural e do conjunto daqueles fatos. Toda sua envolvimento social hoje é diversa. E esta prática de atos de piedade não faz sentido por ter perdido sua força inspiradora e seu papel de resistência ativa; ou seja, a militância desta piedade está esvaziada. E tais atitudes – que não mais formam o todo da vida deles – passaram apenas a afirmar comportamentos privados, saudosistas, além do que extemporâneos. Os pobres não se evangelizam a si próprios aos outros pela miséria e pela saudade em si. A RP ou o catolicismo popular pri-

vado não se sustenta sem um contexto existencial; sua transformação ocorre na e pela mudança social (natural ou proposada).

A recuperação da espiritualidade no Contestado vale, hoje, à medida que se aceitar o necessário compromisso da fé na luta dos pobres pelo direito ao acesso à terra, moradia, vestimenta, saúde, escolaridade, participação, cidadania plena, enfim dignidade de vida. Esta é a luta pelo Reino de Deus, que passa pela alma e necessidade do caboclo e em parte já é assumida pela CPT, Movimento dos Sem-Terra, dos Acampados e de outras pastorais sociais. Na renovação da RP, acontecida pelas pastorais sociais – que por si só não são necessariamente clericais – se atinge o espírito dos caboclos do Contestado, sua mística. É a militância da fé, no sentido comunitário, que renova e atualiza a fé de nossa gente simples, e não o pio desejo de algum clérigo de boa vontade.

O dinamismo popular do presente se encontra com a força revolucionária da fé do tempo da repressão militar, e não meramente com a saudade descontextuada. Captar este elã é ler a dimensão antropológica da fé cristã em contexto histórico. Daí também ser proveitoso conhecer a simbólica litúrgica de outrora, não para a simples repetição; mas para compreender e renovar o pedagógico evangelizador. Assim têm razão os netos daquela gente do Contestado ao se recusarem, hoje, a repetir, nas cidades onde moram, a "procissão luminosa das almas", buscando-as do cemitério até o centro da comunidade, fazendo para e com elas "um terço cantado do rosário" e depois levando-as de volta ao cemitério. Vale o desafio de que nossos mortos queridos mereçam maior carinho e comunhão, até em formas rituais com mais vida que a mera "missa mandada rezar" ou a pura repetição do gesto de outrora que hoje não faz mais sentido para os descendentes da gente do Contestado.

As encomendações feitas no Contestado – ao menos nos primeiros tempos, quando a morte não os sondava tanto – eram muito solenizadas também com os terços cantados e a despedida do falecido. A solidariedade de toda a comunidade era imprescindível.

Diferentemente poderiam ser aproveitados os símbolos do ritual do batismo ou do matrimônio. No caso do batismo, hoje ainda perdura a ênfase popular na "apresentadeira": uma outra criança/adolescente que se tornava pela vida afora um pouco mais próxima ou igual da criança (os padrinhos eram adultos, distantes), e partilhava mais proximamente das alegrias e tristezas que se misturavam no dia-a-dia do batizado e que foram simbolizadas, no dia do batismo, através da mistura de sal, farinha e açúcar dada à criança.

Já no caso do matrimônio, além da mútua aceitação, pública e oficial, os noivos acolhiam – durante o rito – uma criança vestida de anjo, representando o destino, que lhes apresentava, num prato esmaltado, com uma colher, a mistura de farinha com açúcar mascavo, para que os noivos comessem alternadamente aquela farofa, na presença dos convidados, parentes e representantes da "Lei". O uso do prato e da colher significava a uni-ficação do casal, que permaneceria inseparável, até consumir as últimas migalhas da "Páscoa da Vida". As doçuras da vida ou o lado bom estavam representadas no açúcar. A farinha indicava as transformações, os sofrimentos e trabalhos que edificam a alma em cumprimento do mandamento bíblico "comerás o pão, com o suor de teu rosto" (17). Os pratos de passoca, às vezes, em cerimônias nupciais mais simples, eram substituídos por copos d'água com sal e açúcar: a vida, as alegrias e tristezas serão enfrentadas juntos até a última gota.

Do litúrgico dos caboclos no Contestado ainda merecem apreço o litânico (quase sempre cantado repetitivamente), a gestualidade de todos (que dinamiza o culto), o caminhar dum lugar a outro no espaço sagrado (indicando a provisoriabilidade de tudo), as genuflexões constantes e os beijos aos objetos sagrados, as fitas e os vivas; numa palavra, o colorido, a movimenta-

ção e alegria de ritos que falam das coisas concretas por eles compreendidas na relação com Deus. Tais atos religiosos cultícos que perderam sua força, no decorrer do tempo, não merecem ser recompostos por puros atos de força como se só isso bastasse à sua eficácia. A liturgia e os atos litúrgicos – quer oficiais quer populares – fazem sentido à medida que sustentam a fé, a espiritualidade e a militância dos homens e mulheres que se compreendem em Cristo – o homem/Deus capaz de assumir em si as lutas de todos os homens e mulheres e oferecê-las como hóstias de agradável odor ao Pai.

PARA IR CONTEXTUANDO A RP NO CONTESTADO

Uma forma cultural, válida e legítima, de viver a fé católica romana

A RP no Contestado – a partir da ótica do caboclo – foi uma forma cultural, válida e legítima, de viver a fé católica romana, em toda sua extensão. Teve ela seus limites, nos condicionamentos culturais próprios daquele povo, assim como os tem a religiosidade oficial ao se fixar na cultura centroeuropéia, de fundo machista, branca, elitista e hegemônica.

Deus é amado e vivenciado não nos discursos, mas na práxis do amor radical de cada dia. Os caboclos, a seu modo, tentaram viver a catolicidade romana e não o quiseram fazer de modo marginalizado, como lhes foi e é constantemente atribuído. Mas na sua honestidade mais pura compuseram a válida (talvez não lícita?!) diversidade eclesial, que está a serviço do Evangelho nos espaços sociais concretos. A recuperação de sua vitalidade passa hoje pela recriação que envolve concretamente as alegrias e tristezas, angústias e esperanças dos cristãos catarinas empobrecidos, por que se lhes foram usurpados os direitos básicos de acesso à terra e à dignidade (18). E só aí faz sentido pensar, hoje, na religiosidade cabocla, que, passada pelo Contestado, pode dinamizar a fé de milhares de catarinas que ligam sua sobrevivência à questão do usufruto da terra.

NOTAS:

- (1) ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira d'. *A Campanha do Contestado (as operações da Coluna do Sul)*, vol. II, Belo Horizonte: IOEMG, 1918, pp 964/5.
- (2) LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos, crimes e aberrações dos nossos caboclos*, Florianópolis, 1952, p.162.
- (3) ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira d'. *A Campanha do Contestado (as operações da coluna do Sul)*, vol. I, Belo Horizonte: IOEMG, 1917, p. 232/3.
- (4) ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira d'. *A Campanha do Contestado...* vol. II, p. 332.
- (5) LUZ, Aujor Ávila da. *Os fanáticos, crimes e aberrações...* p. 157.
- (6) STULZER, Frei Aurélio. *A Guerra dos fanáticos (1912-1916)*, a contribuição dos franciscanos, Petrópolis, Vozes, 1982, p. 87.
- (7) Veja-se meu artigo "Contestado: a força dos fracos (para uma leitura atualizada da luta dos oprimidos)" in: *REB*, vol. 47, fasc. 186, junho de 1987, pp. 393-408.
- (8) Cf. RIBEIRO, H. *Da periferia um povo se levanta*, São Paulo, Paulinas, 1988, pp. 120-133.
- (9) Cf. artigo meu neste mesmo número de "Encontros Teológicos" sobre a concepção teórica da teologia pastoral atual sobre a RP.
- (10) KAMPS, Frei Menandro. "A revolução dos fanáticos no sul do Brasil" in: STULZER, Frei Aurélio: *A guerra dos fanáticos 1912-1916...* p. 42.
- (11) A referência aqui feita é ao Marechal Hermes da Fonseca. E a aceitação da Monarquia como lei de Deus está ligada à doutrinação do clero regalista do 2º império e ao anti-catolicismo da República Velha.
- (12) KAMPS, Frei Menandro op. cit. p. 57.
- (13) Cf. RIBEIRO, H. "Contestado: a força dos fracos...", p. 394.
- (14) RIBEIRO, H. *Da periferia um povo se levanta*, pp. 83-91.
- (15) Aprofundam este aspecto: AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da Irmandade cabocla*, Florianópolis, UFSC, CORTEZ Editora, 1984 e MONTEIRO, Douglas Teixeira de. *Errantes de um novo século*, São Paulo, Duas Cidades, 1974.
- (16) FELIPE, Euclides. "Batizados & Casamentos" in: *Comissão Catarinense de Folclore*. Boletim Trimestral. Ano III, março/82, nº 11, p. 53.
- (17) Cf. RIBEIRO, H. "E se, ele ressuscitasse?" Florianópolis: CPT, mimeografado, 1986 e "A valorização da espiritualidade catarinense – 1ª Romaria da Terra", Florianópolis: CPT, mimeografado, 1986.

Endereço do Autor:

*Faculdade de Teologia N.S. da Assunção
Avenida Nazaré, 993 - Ipiranga*

04263 - São Paulo - SP

A RELIGIOSIDADE POPULAR NO SERTÃO BAIANO

Pe. José Artulino Besen
Pároco em Oliveira dos Brejinhos - BA
Ex-Professor de Hist. da Igreja no ITESC

INTRODUÇÃO

O presente artigo é muito mais uma memória de contemplação do que um estudo. Não pretende fazer análises nem emitir juízos de valor. Por um motivo: é perigoso – e até desrespeitoso – a gente querer se arvorar em juiz de valor quando se está defronte a uma realidade tão vital, que dá sentido à existência, como é a manifestação religiosa.

Nossa bibliografia é a biografia vista do sertanejo com o qual trabalhamos já o quarto ano adentrando. Biografia sempre mais fascinante e insondável. Creio até que tentar penetrá-la é rompê-la, é despi-la do significado que possui: dar motivo de

viver numa região não conflagrada pela guerra, mas na miséria secular deflagrada pela seca intermitente, pela injunções políticas, pelo não acesso aos meios modernos de produção, que trariam aquilo a que denominaríamos o "conforto". Como um ba-lão que se esvai à picada de um alfinete, a unidade vital sertaneja é revestida por uma cultura que se torna impossível de contemplar se violentada por estereótipos de modernidade. Ela tem sentido próprio.

Por religiosidade popular entendemos toda manifestação cultural que liga o homem a Deus e torna possível sua convivência com o meio circundante. Igualmente uma série de gestos que expressam uma unidade vital em relação ao mundo e ao sobrenatural. Quando estas manifestações culturais e estes gestos nascem do Catolicismo, denomina-mo-la "catolicismo popular".

Seguindo Pittirim-Sorokin em seu "Cultura e Sociedade", acreditamos que o "eu" nasce da "realidade" e a "realida-